

## **A VOZ NA PSICANÁLISE: UM TRAJETO DA VOZ COMO UNIDADE NO DISCURSO PSICANALÍTICO**

### **THE VOICE IN PSYCHOANALYSIS: A PATH OF THE VOICE AS A UNIT IN PSYCHOANALYTIC DISCOURSE**

### **LA VOZ EN PSICOANÁLISIS: UN CAMINO DE LA VOZ COMO UNIDAD EN EL DISCURSO PSICOANALÍTICO**

*Thiago Barbosa Soares*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo compreender os sentidos da voz e como esses são construídos e disseminados no campo da Psicanálise. Entre o que se diz da voz nessa área do saber e em outras searas pode existir diferenças, mas os (efeitos de) sentidos da voz criados a partir da mobilização da instância do discurso sempre se remetem ao sujeito da/para voz. Portanto, investigar os mecanismos de produção dos sentidos da voz enseja uma via de acesso analítico para a não transparência da materialidade da voz e para sua virtualidade não evidente. Visando o traçado desse caminho, analisaremos o como e o que se diz da voz na Psicanálise mediante uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Para tanto, empregaremos o aparato teórico-metodológico oriundo da Análise do Discurso, norteado pela noção de unidades de discurso oriunda da arqueologia foucaultiana, em variadas produções textuais que apontam para a voz no interior da constituição do discurso psicanalítico.

**Palavras-chave:** Voz. Sentido. Psicanálise. Discurso. Unidades de discurso.

**Abstract:** This article aims to understand the senses of the voice and how they are constructed and disseminated in the field of Psychoanalysis. Between what is said about the voice in this area of knowledge and in other fields there may be differences, but the (effects of) the voice's senses created from the mobilization of the discourse instance always refer to the subject of / for voice. Therefore, investigating the mechanisms of production of the voice meanings provides an analytical access route for the non-transparency of the voice's materiality and for its non-evident virtuality. Aiming to trace this path, we will analyze the how and what is said of the voice in Psychoanalysis through a qualitative bibliographic research. For this, we will use the theoretical-methodological apparatus of Discourse Analysis, guided by the notion of units of discourse from the archeology of Michel Foucault, in various textual productions that point to the voice within the constitution of the psychoanalytic discourse.

**Keywords:** Voice. Sense. Psychoanalysis. Discourse. Units of discourse.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo comprender los sentidos de la voz y cómo se construyen y difunden en el campo del Psicoanálisis. Entre lo que se dice de la voz en esta área del conocimiento y en otros campos puede haber diferencias, pero los (efectos de) los sentidos de la voz creados a partir de la movilización de la instancia discursiva remiten siempre al sujeto de/para la voz. Por lo tanto, investigar los mecanismos de producción de significados de la voz proporciona una vía de acceso analítico para la no transparencia de la materialidad de la voz y para su virtualidad no evidente. Con el objetivo de trazar ese camino, analizaremos el cómo y el qué se dice de la voz en Psicoanálisis a través de una investigación bibliográfica cualitativa. Para ello, utilizaremos el aparato teórico-metodológico del Análisis del Discurso, guiados por la noción de unidades de discurso de la arqueología de Michel Foucault, en diversas producciones textuales que apuntan a la voz en la constitución del discurso psicoanalítico.

**Palabras clave:** Voz. Sentido. Psicoanálisis. Discurso. Unidades de discurso.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A voz das sereias foi alvo do interesse de Ulisses, porque nela havia algo de enlouquecedor. A voz é um dos caminhos através do quais se chega ao outro e nele se faz engendrar sentidos; a voz carrega grande parte da potencialidade comunicativa da espécie humana por externar estados de espírito, sentimentos e sentidos; a voz, como Ulisses possivelmente a percebera a ponto de querer ouvir as sereias, encontra um eco ao ser ouvida, podendo ser esse interiorizado como uma imagem de seu produtor. Portanto, com a segurança de estar amarrado ao mastro do navio, justifica-se a pretensão do herói da Odisseia em ouvir a voz de seres cujo efeito pode levar à sandice. Assim, ao observarmos a razão do comportamento de Ulisses, encontramos, entre outras coisas, um desejo por compreender a repercussão da voz e como essa pode exercer tamanho poder sobre os sujeitos.

As propriedades da voz e seu funcionamento, para além do discurso mítico, exercem fascínio em praticamente todos que lhe pesaram a força comunicativa. Em vista disso e julgando os atributos encontrados nas unidades de discurso no interior do discurso da oratória (SOARES, 2019), empreendemos um percurso congênere, guardadas as devidas proporções, no tocante ao discurso psicanalítico. Desse modo, visando compreender os sentidos da voz e como esses são produzidos e disseminados no campo da Psicanálise, verificaremos, a partir de como a voz é tratada, usada e representada por psicanalistas em suas obras – não pretendemos fazer verticalizações teóricas acerca da Psicanálise nem de seus autores, um trajeto acerca da voz – seguindo um desenvolvimento de Freud e a Lacan, entretanto não visamos uma genealogia da voz na Psicanálise. Para tanto, faremos uso do aparato teórico-metodológico oriundo da Análise do Discurso, sobretudo da noção de unidades de discurso vinda da arqueologia foucaultiana.

Para descrever parte do processo metodológico abordado mais adiante, advindo da arqueologia, tem-se a percepção foucaultiana norteando a compreensão das relações de saberes, de tal modo que as unidades de

discurso possam ser tomadas como núcleos de sentido não linear, cuja dispersão pode atravessar e constituir discursos heterogêneos. Soares (2019), a esse respeito, emprega a faceta arregimentada das unidades do discurso como um meio de tracejar efeitos em produções discursivas distintas. Nesse direcionamento, Soares (2019) afiança,

Por serem concebidas como não lineares e sim dispersas, não dadas de causas a efeitos conforme rótulos institucionais ou campos disciplinares do saber, as unidades do discurso têm plasticidade o suficiente para serem investigadas de acordo com critérios não apenas de semelhanças e de afinidades (SOARES, 2019, p. 270).

Tamanha é a capacidade dispersiva das unidades do discurso que seu objetivo, quando aliado à descrição e interpretação, insere-se no projeto arqueológico do saber, desenvolvido por Foucault (2012) que afirma: “Aparece, assim, o projeto de uma descrição dos acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam” (FOUCAULT, 2012, p. 32, grifo nosso). A partir dessas exposições, percebemos que as unidades do discurso encontram-se no interior de uma matriz epistemológica segundo a qual o discurso funciona consoante o próprio funcionamento social, situando-se na esfera da qual se emana o poder em todo o circuito constitutivo da sociedade e, conforme explica Foucault (2012), “(...) coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política” (FOUCAULT, 2012, p. 148, aspas do autor).

Em vista disso, emprega-se neste estudo qualitativo acerca das unidades sobre a voz, a noção de discurso como “um conjunto de enunciados, enquanto se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2012, p. 131). Nesse direcionamento, Soares (2022) postula que “Por lo tanto, describir los enunciados de un discurso, en esta perspectiva, consiste en dar cuenta de ciertas especificidades inherentes a una determinada formación discursiva”<sup>1</sup> (SOARES, 2022, p. 32). Diante da materialização do poder nas formas de uso, emprego e manifestação do discurso, as próprias unidades do discurso estão

sujeitas às mesmas forças a partir das quais o discurso veicula-se e se expressa, de maneira que as unidades do discurso, então, viabilizam uma análise para um trajeto temático de um objeto preciso no interior de uma determinada formação engendrada por um certo domínio associado. A esse respeito, Foucault (2012) diz:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (...) (FOUCAULT, 2012, p. 43, grifos do autor).

Segundo essa descrição, a formação discursiva concerne ao itinerário composicional que delinea sentidos produzidos pelos/nos enunciados que, por sua vez, marcam posicionamentos a partir tanto das escolhas dos objetos quanto de como esses são alvo dos sistemas de disseminação de sentidos no circuito social. Portanto, é a formação discursiva coordenadora dos sentidos por ela veiculados no interior de um discurso. Conseqüentemente, podemos, conforme tal compreensão do discurso e da formação discursiva, pinçar do discurso psicanalítico, dentro de determinadas formações discursivas, a voz como unidade de discurso capaz de responder às determinações históricas operadas pela densidade e articulação interna do aparato psicanalítico. Portanto, é nas unidades de discurso que podemos encontrar dizeres sobre a voz em um campo como a Psicanálise; é através da formação discursiva que podemos distinguir quais sentidos definem a voz no interior do discurso psicanalítico.

Como objetivamos compreender os sentidos da voz e como esses são construídos e disseminados no domínio da Psicanálise, além de visar contribuir para a história das ideias linguísticas no que concerne aos discursos sobre a voz, investigamos em várias obras o que se diz sobre a voz por meio de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo em cuja metodologia extraída da Análise do Discurso consiste em rastrear e interpretar as unidades de discurso,

tal como a realizado por Soares (2019). Para a execução desse procedimento, este artigo organiza-se de forma elementar, pois contém unicamente a próxima seção na qual investigamos a existência e o funcionamento das unidades de sentido acerca da voz em obras de cunho psicanalítico e destacamo-la por meio de negrito para, em seguida, nas considerações finais apreciarmos, avaliarmos e pesarmos a trajetória aqui percorrida.

## **2 UNIDADES DE DISCURSO DA VOZ NA PSICANÁLISE**

O inconsciente tem variadas formas de manifestação de acordo com a Psicanálise. Sigmund Freud (1856-1939) descobriu-o em sua prática médica quando lidava com certas paralisias cujas causas não remetiam a desordens fisiológicas. Diante desse quadro, no qual o teor perceptível da origem de inúmeras enfermidades está intimamente conectado ao funcionamento aparente do corpo, qualquer sintoma sem uma explicação tradicionalmente organicista era tomado como histeria. “Às paralisias dos membros deve-se acrescentar a afasia histérica, ou, mais corretamente, a mudez, que consiste numa incapacidade de produzir qualquer som articulado ou [mesmo] de executar movimentos da fala sem voz” (FREUD, 1996A,, p. 83). Tais problemas sem claras razões motivadoras foram investigados por Freud sob a ótica do inconsciente, fundando, assim, a Psicanálise. Nessa ocasião, a voz começa a receber atenção por tratar-se de um objeto segundo o qual recaem alguns sintomas.

Portanto, um dos principais arregimentadores da formação discursiva psicanalítica e, conseqüentemente, do discurso psicanalítico é o conceito de inconsciente, pois dele emana o aparato tanto teórico quanto prático da Psicanálise. Independentemente do autor/analista, se sua filiação é psicanalítica, o inconsciente faz parte integrante de sua formação discursiva, de tal modo que se torna possível asseverar que essa noção é fundante do discurso psicanalítico. “O inconsciente freudiano é, em primeiro lugar, indissolúvelmente uma noção *tópica* e *dinâmica* que brotou da experiência do tratamento” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 307, grifo dos autores). Dessa

forma, para nosso objetivo de compreender os sentidos da voz e como esses são produzidos e disseminados no campo da Psicanálise, analisamos como a voz é revisitada quando certos fenômenos de origem inconsciente são descritos, assim, faz-se o caminho mais viável para a realização de nosso intento.

Diante desse quadro, encontramos a exposição acerca da ocorrência paranoica de alucinações auditivas sobre as quais uma espécie de afeto reprimido manifesta-se sob a forma da audição de vozes. Freud a esse respeito declara:

As partes das lembranças que retornam sofrem uma distorção ao serem substituídas por imagens análogas, extraídas do momento presente - isto é, são simplesmente distorcidas por uma substituição cronológica, e não pela formação de um substituto. As **vozes**, igualmente, lembram a autocensura, como sintoma de compromisso, e o fazem, em primeiro lugar, distorcidas em seu enunciado a ponto de se tornarem indefinidas e de se transformarem em ameaças; e, em segundo lugar, relacionadas não com a experiência primária, mas justamente com a desconfiança - isto é, com o sintoma primário (FREUD, 1996A, p. 274, grifo nosso).

Segundo esse excerto integrante do discurso psicanalítico, a voz nesse estado de alucinação é percebida como uma internalização severa do afeto conservado e projetada na consciência do sujeito que, ouvindo o recalcado, busca defender-se a partir da autocensura que sofre dessas vozes. “Daí decorrem os aspectos característicos comuns da neurose: a importância das vozes como meio pelo qual as outras pessoas nos afetam, e também dos gestos, que nos revelam a vida mental das outras pessoas” (FREUD, 1996A, p. 275). Portanto, é possível, nesse cenário, conceber a voz tanto como uma via de relação com o outro quanto um recurso através do qual o inconsciente expressa-se na consciência do sujeito. Nesse caso, a voz é uma unidade de discurso que se traduz como condutora externa e interna, pois transmite algo a alguém e também comunica conteúdos inconscientes à consciência.

Assim, as **vozes** deviam sua origem ao recalçamento de representações que, em última análise, eram de fato autoacusações por experiências que eram análogas a seu trauma infantil. Por conseguinte, as **vozes** eram sintomas do retorno do recalcado. Ao mesmo tempo, porém, eram

consequência de uma formação de compromisso entre a resistência do ego e o poder do retorno do recalado (FREUD, 1996B, p. 181, grifo nosso).

Vemos, desse modo, que mesmo antes da implementação da matriz edipiana na consolidação da tríade, id, ego e superego, a voz já consta como objeto a partir do qual o sintoma poderia manifestar-se. Dito isso, a inquietante narrativa a respeito de Édipo para Freud tem enorme potencial heurístico no tocante à descrição do drama constitutivo dos sujeitos. “E há realmente um fator dessa natureza envolvido na história do Rei Édipo. Seu destino comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso - porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele” (FREUD, 1996C, p. 289). O complexo de Édipo trata-se, então, de uma composição polifônica inerente às estruturas inconscientes. Em outros termos, uma só voz substancializa, a um só tempo, três vozes, isto é, a voz da mãe e a voz do pai na voz do sujeito.

Ao estarmos frente a essa observação oriunda do discurso psicanalítico, é necessário voltarmos a atenção à gênese da elaboração simbólica da tríade edipiana e percebermos que o recém-nascido entra em contato primeiramente com a voz materna. “La **VOZ** materna es, pues, la primera **VOZ** que el niño escucha. Lo primordial para él es la **VOZ** materna y la sonorización musical de su alienta, a la que queda adherido a partir de su llegada al mundo”<sup>2</sup> (ABÉCASSIS, 2005, p. 97). Portanto, é possível afirmar que a voz materna, que não é necessariamente a voz da mãe biológica, introduz o recém-nascido na sonoridade do mundo, diferenciando-se dos demais sons pela sua anterioridade e, conseqüentemente, continuidade. Em concordância com essa produção discursiva, a voz da mãe é uma voz que embala, uma voz que acolhe e também uma voz que imprime “coragem”; é a voz maternal com a qual se pode contar para receber os primeiros cuidados. Conseqüentemente, é legítimo afirmar que a voz como unidade de discurso aqui é tomada como cuidado (inicial).

Contrariamente a essa voz aconchegante encontra-se o grito, cuja expressão

de sentido é a primeira forma assumida pela voz infantil. No grito, há a demanda por cuidado, há uma manifestação mais ou menos primitiva de sentimento e há uma tomada de consciência dos limites da própria voz. Entretanto, em nosso rastreamento da voz como unidade de discurso no interior do discurso psicanalítico, conseguimos perceber o grito abordado nesse campo somente mais adiante. Portanto, essa constatação abre margens para compreensão do fenômeno do uso da voz presente no grito como algo já dado no início das produções psicanalíticas. Diversamente do que acontece com a voz do pai por ganhar destaque nas produções discursivas na área psicanalítica, sobretudo como metáfora explicativa. É desse modo que a voz paterna configura a tríade segundo a qual cada um, criança, mãe e pai, desempenha um papel simbólico cujos efeitos parecem organizar as instâncias inconscientes.

(...) o pai entra em jogo, isso é certo, como portador da lei, como proibidor do objeto que é a mãe. Isso, como sabemos, é fundamental, mas está totalmente fora da questão, tal como esta é efetivamente introduzida para a criança. Sabemos que a função do pai, o Nome-do-Pai, está ligada à proibição do incesto, mas ninguém jamais pensou em colocar no primeiro plano do complexo de castração o fato de o pai promulgar efetivamente a lei da proibição do incesto (LACAN, 1999, p. 193-194).

Em consonância com o enunciado de Lacan, a voz do pai é um tipo de metáfora empregada para explicar um projeto de lei segundo o qual o inconsciente precisa modelar-se, de maneira que a voz passa a ser concebida como um tipo de eco de uma organização tanto social quanto psicológica. A partir dessa perspectiva, a voz paterna, então, representa a separação do sujeito de sua mãe e, ao mesmo tempo, instaurada da lei de proibição do primeiro objeto de desejo, a própria mãe. Consequentemente, para o discurso psicanalítico a entrada do pai na relação simbiótica do filho com a mãe estabelece uma contradição essencial a partir da qual a descontinuidade será um lugar de realização do desejo.

Ainsi la **voix** est ce qui fait obstacle à la réalisation de l'image étouffante de la mère dans le corps; c'est la **voix** en tant qu'elle est quelque part porteuse de la loi et agent du nom du

père. Por elle, se crée l'espace symbolique de la parole où vient se précipiter le désir du sujet (VASSE, 2010, p. 69)<sup>3</sup>.

Como é possível depreender do trecho acima, a voz da mãe distingue-se da voz do pai por ser um tipo de continuidade na qual a fala e seus elementos significantes não têm espaço de produção contrastiva. Assim, reconhecemos que a voz como unidade de discurso no interior da produção da Psicanálise recebe contornos diferentes conforme a formação discursiva a qual está vinculada, porém, sempre ancorada no núcleo discurso traduzido pelo inconsciente. Tal manifestação da voz como unidade discursiva encontra-se em: “De la **voz** de la madre, el niño sólo aprende a ser con, a unirse, a fusionarse e a significar la continuidad natural. De la **voz** del padre, aprende a ser él mismo, a respetar la distancia e la diferencia” (ABÉCASSIS, 2005, p. 106).<sup>4</sup> Com isso, a unidade discursiva da voz recebe um traço semântico peculiar, porquanto diz respeito ao seu funcionamento contrastivo na discricção dos limites do sujeito com o mundo.

De acordo com o funcionamento do contraste da voz como unidade do discurso no interior da Psicanálise, tanto a voz materna quanto a voz paterna são fundamentais na constituição simbólica do inconsciente, exercendo cada qual seu papel: continuidade na voz materna, descontinuidade na voz paterna. Portanto, tal configuração dada à voz parece compor a própria dialética inerente à fala, que, por sua vez, é voz articulada via fonemas, de morfemas e de sintagmas em eixos que se cruzam, sintagmático e paradigmático, em um constante diálogo entre continuidade e descontinuidade. Assim, a concepção contrastiva da voz como unidade de discurso vai ao encontro do discurso da linguística moderna (SOARES, 2020) segundo o qual a voz é a base para que a língua realize-se como veículo de sentidos.

A partir dessa constatação da voz como unidade de discurso significando contraste, é possível perceber a voz no interior do discurso psicanalítico como carregada da dialética do que se pode chamar de pulsões que interagem na diferenciação do sujeito de seus pais, de maneira a imprimir-lhe os contornos das instâncias: id, ego e superego. Nesse diapasão, como podemos

depreender do discurso psicanalítico, a voz materna instala-se na primeira região, id, na qual se vincula ao desejo de cuidado não apenas biológico como também afetivo. Da voz paterna, em especial, surge a fundação do superego por se tornar a lei a partir da qual o controle pulsional se dá, porquanto nela funciona o efeito da proibição. “La **voz**, la del Superyó, es decir, la del padre y de todos quienes cumplieran esa función en la historia del niño, está vinculada, pues, por sí misma, con la pulsión y con lo prohibido” (ABÉCASSIS, 2005, p. 117)<sup>5</sup>. Assim, para a Psicanálise, é dessa imbricada relação plurivocal que emerge a voz do ego integrando a voz materna e a voz paterna em um movimento inconsciente de diálogos e duelos.

Em decorrência da unidade de discurso voz ser metaforizada como um índice de funcionamento dicotômico do inconsciente, tem-se novamente a voz como contrastiva, não mais da cadeia de significantes, ao encontro do discurso da linguística moderna, mas das pulsões psíquicas existentes no sujeito. Diante da repercussão das vozes, materna e paterna, na formação do sujeito, a produção psicanalítica de Lacan aprofunda a compreensão acerca da voz e designa-lhe como parte do objeto *a*. “São os objetos *a*: os seios, as fezes, o olhar, a **voz**. É nesse termo novo que vige o ponto que introduz a dialética do sujeito enquanto sujeito do inconsciente” (LACAN, 1998, p. 228-229). Conforme o discurso psicanalítico no qual se insere a compreensão do objeto *a*, o gesto interpretativo presente na formulação de Lacan determina o objeto *a* como representante do exame dos objetos pulsionais, isto é, ao observar-se o “vazio” expresso por cada integrante do objeto *a*, verifica-se a falta neles responsável pela causa do desejo.

O seio é objeto *a* enquanto “especificado na função do desmame, que prefigura a castração”; e o excremento, na medida em que, diz Lacan, trata-se do objeto que o sujeito “perde por natureza”. O olhar e a **voz**, igualmente, presentificam tal perda, posto que representam “suportes que [o sujeito] encontra para o desejo do Outro”. E a pulsão é concebida como um percurso que se ocupa em rodear esses objetos para “neles resgatar, para restaurar em si sua perda original” (JORGE, 2008, p. 52, aspas do autor).

Como se verifica do exposto, no inconsciente existe um funcionamento

segundo o qual a falta produz, entre outras coisas, o desejo. Nesse sentido, pode-se afirmar que a falta inerente ao objeto *a* é estruturante do regime pulsional que, por sua vez, organiza a linguagem do inconsciente em torno de sua própria *hiância* (um tipo de falta constitutiva que produz efeitos constantes no funcionamento psíquico do sujeito). Aqui, deparamo-nos com o dizer no discurso psicanalítico de incontornável acerca do objeto *a*, sua conexão simultânea com o real, o simbólico e o imaginário<sup>6</sup>, o RSI para uma determinada formação discursiva derivada dos trabalhos de Lacan. Desse ponto de vista, a voz como unidade de discurso está vinculada a um aparato conceitual, sendo dele efetivamente um objeto teórico segundo o qual se localiza parte do desejo pulsional do sujeito, porquanto a voz é algo que falta e, precisamente por isso, é desejada.

O real, o simbólico e o imaginário, o RSI, no interior de uma formação discursiva psicanalítica, ao demonstrar a complexidade com a qual estão interligados esses elementos, denomina como *nó borromeano*, que constitui o sujeito do inconsciente. Portanto, a voz nessa configuração (o real, o simbólico e o imaginário) deriva da articulação dos três registros essenciais da realidade humana (LACAN, 2005): real, simbólico e imaginário, cada qual um anel da tríplice aliança cujo ponto de intersecção é justamente o objeto *a*. Para tal formação discursiva, somente o objeto *a* participa integralmente do RSI e, por conseguinte, a voz é integrante, ao mesmo tempo, do real, do simbólico e do imaginário. A forma segundo a qual o imaginário parece estabelecer-se orienta o desenvolvimento do ego em seu caráter nuclearmente narcísico. Nesse ponto da constituição do discurso psicanalítico, é trazida à tona a noção de "estádio do espelho" para dar conta das mais primitivas identificações do sujeito.

Nisso consiste a identificação da criança com a imagem do espelho, que chega a não poder distinguir-se dela até que seu eu consiga se desprender; nessa circunstância, a imagem reforça a experiência da intrusão, acrescentando-lhe uma tendência estranha que Lacan chama de a "intrusão narcísica": "a unidade que ela introduz nas tendências contribuirá, no entanto para a formação do eu. Mas, antes de afirmar sua identidade, o eu se confunde com essa imagem que o forma, mas o aliena primordialmente (KAUFMANN,

Diante da consideração de uma fase segundo a qual existe a configuração da unidade do “eu”, o estágio do espelho é o núcleo narcísico onde se observa a voz como invocante, não com reflexo condicionado à imagem de si, porquanto “A **voz** não é especular, ela não tem representação e ela está disjunta de sua representação sonora” (PORGE, 2014, p. 102). A voz, de acordo com essa perspectiva, invoca e, com isso, ganha seu espelhamento na medida em que se torna objeto transicional do ego com o outro. Em face desse cenário no qual o imaginário permite a instauração do reconhecimento da voz do outro como objeto de desejo. Cumpre, então, aprofundar a estrutura através da qual a voz do inconsciente institui-se. Com isso, a metáfora da voz paterna é o conceito, segundo o discurso psicanalítico, que aborda o complexo de Édipo e, conseqüentemente, a castração. “No âmbito de sua teoria do significante e de sua tópica (imaginário, real e simbólico), definiu-se o complexo de Édipo como uma função simbólica: o pai intervém sob a forma da lei, para privar a criança da fusão com a mãe” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 168).

Com base na constituição do sistema do inconsciente no interior do arcabouço discursivo da Psicanálise, parece surgir do real a causa do desejo, do sujeito e do gozo e, então, também a gênese do sofrimento. Nesse sentido, o real por si não se encontra acessível ao sujeito cognoscente, portanto, manifesta-se no jogo em que intervêm o simbólico e o imaginário. De acordo com esse viés psicanalítico, a voz, no âmbito do real, é cercada pelo significante da fala, isto é, ordena-se conforme uma determinada lei, conceituada por Lacan de Nome-do-Pai. “O pai é de fato o genitor. Mas, antes que o saibamos de fonte segura, o nome do pai cria a função do pai” (LACAN, 2005, p. 47). “La **voz** paterna és la que lleva el significante de la ley mediante la cual el padre incita al niño a conquistar su estatus de sujeito” (ABÉCASSIS, 2005, p. 135)<sup>7</sup>. Em vista dessa verticalização da metáfora conceitual do “Nome-do-Pai”, é possível reconhecer na voz a articulação de sentidos cujo funcionamento estruturante volta-se para a composição do “Nome-do-Pai”.

E no lugar onde se manifesta a castração no Outro, onde é o desejo do Outro marcado pela barra significativa, aqui, é essencialmente por intermédio disso que, tanto no homem quanto na mulher, introduz-se esse algo específico que funciona como complexo de castração (LACAN, 1999, p. 361).

No rastro dessa descrição do funcionamento do “Nome-do-Pai”, a voz, que no lastro discursivo da Psicanálise é uma expressão real, simbólica e imaginária do sujeito, externaliza com suas propriedades a clivagem própria da constituição do inconsciente no qual o complexo de castração efetua-se em “Nome-do-Pai”. Ora, segundo essa perspectiva de constituição inconsciente do sujeito, a voz põe em marcha um conjunto de forças das quais recebe conteúdos diversos, como, por exemplo, de objeto transicional e de invocante, entretanto, é na *hiância* gerada pela castração que se realiza a voz. No interior do discurso psicanalítico, a voz como unidade de discurso é uma espécie de realização da falta.

Podemos partir da abordagem fenomenológica para situar a relação com a **voz** do Outro como objeto caído do Outro, mas não podemos esgotar sua função estrutural a não ser dirigindo a interrogação para o que é o Outro como sujeito. Com efeito, se a **voz** é o produto, o objeto caído do órgão da fala, o Outro é o lugar onde *isso fala* (LACAN, 2005, p. 71, grifo do autor).

Na fala, portanto, parece ocorrer uma sequência ordenada de atos implicados à voz; a sua direcionalidade é o “Outro”, índice de falta; ao ser lançada no espaço enunciativo, como uma extensão do sujeito, sinaliza uma perda; a despeito das marcas de falta e de perda, originárias da castração, a voz realiza uma verdadeira prática heroica, seu próprio sacrifício. “On peut donc véritablement parler, en l'occurrence, de sacrifice: le sacrifice de la **voix** qu'il convient d'accomplir pour prendre la parole” (POIZAT, 2001, p. 132)<sup>8</sup>. Diante dessa conjuntura engendrada pelo discurso psicanalítico, é difícil negar que haja o sacrifício da voz, pois ela está sob empenho a todo o momento e simultaneamente submete-se aos registros do real, do simbólico e do imaginário como objeto *a*.

Dadas às características do inconsciente presente na voz segundo o discurso psicanalítico, cremos ser fundamental, sobretudo para a investigação aqui em

curso, nos voltarmos para o seu principal alvo, a audição, porquanto é nela que se efetiva a voz. Ou seja, o que se diz do ouvir no discurso psicanalítico implica necessariamente dizer da voz e, com isso, viabiliza uma possível fundação de significado da voz como unidade de discurso. "Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar. Enquanto *se fazer ver se* indica por uma flecha que verdadeiramente retorna para o sujeito, o *se fazer ouvir* vai para o outro" (LACAN, 1998, p. 184, grifos do autor).

Portanto, segundo uma determinada formação discursiva psicanalítica, a voz tem em si a capacidade penetrativa que, conforme as forças e os conteúdos que arregimenta, pode instalar-se na continuidade da sedução materna ou na limitação do excesso de gozo no sentido que o discurso da Psicanálise predica-o. Desse modo, a voz como afetação do outro no qual o sujeito do inconsciente é mobilizado retoma, ainda que parcialmente, a estrutura dialética das vozes materna e paterna. Sendo a partir dessa plurivocalidade que se constitui tanto o sujeito quanto o "Outro", a sua conservação, em maior ou menor grau, mantém-se na própria disposição da interpretação das vozes cujo eco faz sentir no funcionamento da estrutura do inconsciente. Por conseguinte, a voz como unidade de discurso no interior do discurso psicanalítico significa não apenas falta, mas também um elo a partir do qual os sujeitos conseguem produzir ecos nos outros.

"La **voz** es invocación, es decir, se dirige a otro, se dirige a outro: implica una alteridade, un sujeto o un individuo llamado a serlo al responder a ese llamado" (ABÉCASSIS, 2005, p. 162)<sup>9</sup>. Com base nesta visão, a voz, participando dos três registros psíquicos, invoca, chama e assombra o sujeito em seu funcionamento inconsciente. Para a Psicanálise, no imaginário, a voz é o elemento da sedução e do encantamento, é o que provoca o gozo. É a voz em suas idiosincrasias representadas no imaginário que cria traços de identificação de mulher, de homem ou de criança. Um tanto diferente do aspecto simbólico no qual age a interdição da voz do pai para a produção da cadeia significante; observa-se aí a dialética segundo a qual o imaginário e o

simbólico constituem a voz, de tal maneira que haja uma indissociabilidade entre ambos para o sujeito do inconsciente.

E, no real, a **voz** está desprendida dos significantes, é o puro som, é o grito. Algo que conduz a um sem sentido, uma vez que não se veicula significantes, nem mesmo signos, é um puro som, um grito que desconcerta, sem sentido. A **voz**, articulada com o real, não é o especular e imaginário campo da identificação vocal, nem mesmo o significativo campo simbólico em que a **voz** se empresta à fala para veicular significantes. A **voz**, no real, é o que está fora da cadeia, é o grito, que coloca a dimensão do impossível, do puro som, do canto estridente da soprano que foge da transmissão da palavra e da fala. É o gozo do objeto pulsional que engendra a pulsão invocante, da qual a **voz** é o seu objeto. A **voz** real é também aquela do delírio psicótico, em que, uma vez não simbolizada, retorna no real alucinatório da **voz** do pai (MALISKA, 2008, p. 163).

Em vista da tríade na qual a voz encontra-se disposta no interior do discurso psicanalítico, é inviável acreditarmos que seja possível ou necessário decompô-la, pois ao sujeito do inconsciente o RSI funciona simultaneamente, conseguindo interpretar cada voz em suas respectivas funções conforme seus registros. Todavia, como bem lembra Maliska, a voz real não é apenas pura voz, é também a voz do delírio psicótico, isto é, "A alquimia do estranho, que transforma o simbólico em real e o pai em voz, subverte a estrutura do sujeito" (RABINOVITCH, 2001, p. 96). Diante da forma com a qual a voz torna-se uma unidade de discurso tanto explicativa do funcionamento do inconsciente quanto acesso ao outro, lembramo-nos da Odisseia quando Ulisses faz um enorme esforço para ouvir a voz das sereias.

Vozes que, conforme a concepção lacaniana de real, eram do delírio ou responsáveis, através de seu eco no inconsciente, por desorganizar o real, o simbólico e o imaginário. O herói da Odisséia, ao que conta a narrativa, não sofreu perturbações advindas do episódio no qual ouvira o canto das sereias. O rei de Ítaca "superou" a doce voz das sereias porque as ouviu cantar quando se encontrava amarrado ao mastro do navio. Esse fato por si só demonstra o potencial encantador e, ao mesmo tempo, enganador da voz das sereias. Atualmente existe um considerável contingente de vozes capazes de

subordinar o sujeito, no entanto, para o discurso psicanalítico, a voz do inconsciente continua predominante. Portanto, a voz como unidade de discurso no interior do discurso psicanalítico atravessa uma série de concepções para significar algo de conteúdo inconsciente, já que esse é o núcleo estruturante da arquitetura discursiva da própria Psicanálise.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É fundamental compreender que a Psicanálise é um campo de saber heterogêneo e que suas leituras acerca da voz são dissonantes e condicionadas as suas variadas filiações teóricas e aos diversos mo(vi)mentos históricos que a interpelam, contudo, não é nosso intento fazer ou revisar o complexo arcabouço teórico desse campo, mas antes descrever e entender os sentidos da voz e como esses são construídos e disseminados em seu interior. Tomamos o objetivo de compreender os sentidos da voz e como esses são produzidos e disseminados no campo da Psicanálise, verificamos, a partir de como a voz é tratada, usada e representada por psicanalistas em suas obras, um trajeto acerca da voz, seguindo um desenvolvimento não linear na Psicanálise, porquanto não nos fixamos em nem um autor, nem em nenhuma obra, mas no discurso psicanalítico em sua mobilidade significativa. Assim, é possível afirmar que uma parcela do discurso psicanalítico trata a voz ora como um veículo a partir do qual os sujeitos comunicam-se, ora como uma metáfora explicativa baseada em instâncias estruturantes do funcionamento do inconsciente. Com efeito, a voz como unidade de discurso não é um fenômeno cujo sentido seja invariável, como pudemos perceber.

Por meio das noções de discurso, formação discursiva e unidade de discurso, oriundas da arqueologia foucaultiana, conseguimos aferir alguns dos sentidos que a voz como unidade do discurso psicanalítico adquiriu em sua constituição significativa. A voz como uma unidade de discurso foi percebida como condutora externa e interna, pois é responsável por transmitir algo a alguém e também comunicar conteúdos inconscientes à consciência. A voz como unidade de discurso também foi tomada como cuidado (inicial) advindo da

relação da mãe para com seu filho ou filha. A voz foi empregada como um tipo de metáfora para explicar um projeto de lei segundo o qual o inconsciente precisa modelar-se, de maneira que a voz passe a ser um tipo de eco de uma organização tanto social quanto psicológica do sujeito.

Dentre as demais significações da voz como unidade de discurso, encontramos a configuração dada à voz referente à fala, que, por sua vez, é voz articulada mediante fonemas, de morfemas e de sintagmas em eixos que se cruzam, sintagmático e paradigmático, em um constante diálogo entre continuidade e descontinuidade. Assim, a voz como unidade de discurso significando contraste volta-se para o discurso da linguística moderna, como observamos na averiguação. O contraste da voz também abarca a constituição diferencial entre pai e mãe, de maneira a fazer com que algo da constituição biológica emerja na voz e em sua percepção por parte do sujeito. Portanto, a unidade de discurso vocal perpassa a teia do discurso psicanalítico, sendo inserida nos vãos por onde o conceito de inconsciente atua.

Tanto é verdade que a composição laciana de objeto *a* contempla a voz em seu sentido inconsciente de falta inerente ao regime pulsional estruturante do sujeito que, por sua vez, organiza a linguagem do inconsciente em torno de sua própria *hiância*. Dessa perspectiva, a voz como unidade de discurso traduzida pela falta concerne não apenas ao funcionamento do inconsciente, mas também a sua característica efêmera, vinculada a uma concepção de produto que após ser produzido desaparece. Em tal unidade de discurso na qual há a metaforização de elementos para interpretar a estrutura do inconsciente, a voz recebe os contornos mais próprios de seu contraste e de como esse afeta a própria estrutura inconsciente do sujeito, de modo a refletir-lhe boa parte de sua própria carga existencial.

Após compreender, a partir da noção de unidades de discurso, os sentidos da voz e como esses são construídos e disseminados no campo da Psicanálise, podemos melhor compreender as razões que levaram Ulisses a querer ouvir o canto das sereias, porque "Se alguém, por ignorância, se avizinha e escuta a

voz das Sereias, adeus regresso” (HOMERO, 2010, p. 192), porém não parece ter sido o caso do herói de da Odisseia. Ulisses parece ter aventurado-se por conhecer os riscos e por pesar os benefícios de poder ouvir vozes capazes de levar à loucura, assim, não foi a ignorância sua motivadora, mas foi o conhecer seu principal estímulo. O conhecimento de vozes que representam perigo configurou parte de um capítulo da jornada de Ulisses, ao passo que conhecer como as vozes são representadas em campos como a Psicanálise representa uma possibilidade de conhecer um pouco mais de um dos principais veículos de acesso ao outro e a si.

## REFERÊNCIAS

ABÉCASSIS, Jeanine. **La voz del padre**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.

FREUD, Sigmund. Histeria. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**: Edição Standart brasileira (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1996A.

FREUD, Sigmund. Observações adicionais sobre neuropsicoses de defesa. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**: Edição Standart brasileira (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago, 1996B.

FREUD, Sigmund. (β) Sonho sobre a morte de pessoas queridas. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**: Edição Standart brasileira (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago, 1996C.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan** (Vol. I). 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MALISKA, Maurício Eugênio. **A voz e o ritmo nas suas relações com o inconsciente**. (Doutorado em Linguística) – Programa Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, fev. 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PORGE, Erik. **Voz do eco**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

RABINOVITCH, Solal. **A foraclusão**: presos do lado de fora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SOARES, Thiago Barbosa. Sentido da voz: uma análise das unidades do discurso presentes no campo da oratória. **Revista Humanidades e Inovação**. v. 6, n. 8, p. 269-280, 2019.

SOARES, Thiago Barbosa. **Concisa apresentação da linguística**: um panorama da gramática comparada à pragmática. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

SOARES, Thiago Barbosa. Formação discursiva: una noción con dos fundadores. **Ciência & Trópico**, [S. l.], v. 46, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/2133>. Acesso em 27 out. 2023.

VASSE, Denis. **L'arbre de la voix**. France: Bayard, 2010.

---

#### Notas:

- <sup>1</sup> Em tradução livre: "Portanto, descrever os enunciados de um discurso, nessa perspectiva, consiste em dar conta de certas especificidades inerentes a uma determinada formação discursiva".
- <sup>2</sup> Em tradução livre: "A voz da mãe é, então, a primeira voz que a criança ouve. O principal para ele é a voz da mãe e a sonorização musical de seu encorajamento, a que permanece ligado a partir de sua chegada ao mundo".
- <sup>3</sup> Em tradução livre: "Assim, a voz faz obstáculo à realização da imagem sufocante da mãe no corpo; a voz em si é uma portadora da lei e agente do nome do pai. Por ela se cria o espaço simbólico da fala onde vem se precipitar o desejo do sujeito".
- <sup>4</sup> Em tradução livre: "Da voz da mãe, a criança só aprende a ser com, a unir-se, a fusionar-se e a significar a continuidade natural. Da voz do pai, aprende a ser ele mesmo, a respeitar a distância e a diferença".
- <sup>5</sup> Em tradução livre: "A voz, a do Superego, isto é, a do pai e de todos aqueles que cumpriram essa função na história da criança, está ligada, então, por si mesma, com a pulsão e com a proibição".
- <sup>6</sup> É interessante tocarmos no ponto em que o registro imaginário dialoga com um dos conceitos muito criticados em *Análise do Discurso, formações imaginárias* (cf. "Análise automática do discurso" de Michel Pêcheux). Diz-se acerca dele que existe um psicologismo interpretacionista na projeção dos sujeitos no discurso, porém, ignora-se que o psicologismo está justamente em sua descrição conceitual, não em sua aplicação metodológica, pois as formações imaginárias estão subordinadas, em última instância, às formações discursivas, isto é, ao *complexo com dominante*.
- <sup>7</sup> Em tradução livre: "A voz do pai é aquela que carrega o significante da lei mediante a qual o pai incita a criança a conquistar seu status como sujeito".
- <sup>8</sup> Em tradução livre: "Podemos, portanto, realmente falar na ocorrência de sacrifício, o sacrifício de voz que deve ser feito para tomar a fala".
- <sup>9</sup> Em tradução livre: "A voz é invocação, quer dizer, dirige-se a outro: implica uma alteridade, um sujeito ou um indivíduo chamado a sê-lo ao responder a esse chamado".

## **SOBRE O AUTOR:**

### **Thiago Barbosa Soares**

Professor nos cursos de graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no campus de Porto Nacional. Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisador bolsista de produtividade (PQ-2) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É membro pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso (LABOR-UFS-Car) e do Grupo de Estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (VOX-UFS-Car).

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

E-mail: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br)

**Artigo recebido em: 05 nov. 2022. | Artigo aprovado em: 28 out. 2023.**